

## **VIOLÊNCIA AMBIENTAL URBANA EM JOSÉ DA PENHA-RN: O CASO DOS BAIROS ALTO DUQUE DE CAXIAS E BOA ESPERANÇA**

**Miqueias Virginio da Silva**

*Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN,  
Campus CAMEAM - Pau dos Ferros*  
[miqueias\\_geo2011@hotmail.com](mailto:miqueias_geo2011@hotmail.com)

**Rosalvo Nobre Carneiro**

*Professor Doutor do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
– UERN, Campus CAMEAM - Pau dos Ferros*  
[rosalvonobre@uern.br](mailto:rosalvonobre@uern.br)

### **Resumo:**

Objetiva-se neste trabalho analisar como os impactos ambientais na cidade de José da Penha-RN, especificamente dos Bairros Alto Duque de Caxias e Boa Esperança podem apontar para uma realidade violenta ao meio ambiente urbano destes, e conseqüentemente para um comprometimento da qualidade de vida ambiental de seus moradores e uma implicação nas relações dos moradores com os seus espaços de convívio a partir de suas ações. O presente estudo baseia-se nas pesquisas bibliográficas de Waiselfiz (2002), Minayo (2006) como também de Lima (2012) a partir do conceito de violência no ponto de vista ambiental, além de pesquisas realizadas junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Prefeitura Municipal de José da Penha. Foi realizada uma pesquisa de campo e registros fotográficos, além da aplicação de 30 (trinta) questionários no Bairro Alto Duque de Caxias e 10 (dez) no Bairro Boa Esperança, abrangendo assim, um total de 20% das famílias residentes em tais localidades. De acordo com os resultados, constatou-se que dentre as causas de caráter ambientais existentes nos bairros em estudo, as ocorrências de poluição, queimadas, lixo e esgotos a céu aberto são os que aparecem com mais evidência nas paisagens dos bairros, comprometendo, por sua vez, o convívio e a qualidade de vida dos moradores. Assim, conclui-se que, a partir da existência destes fatos de agressão ao meio ambiente urbano, a realidade dos bairros em estudo tem determinado uma desestabilização nas relações constituídas entre sociedade e natureza e logo diversas ações violentas a estes espaços.

**Palavras-chave:** José da Penha. Qualidade de Vida. Violência Ambiental

## **ENVIRONMENT URBAN VIOLENCE IN JOSÉ DA PENHA-RN: THE CASE OF THE DISTRICTS ALTO DUQUE DE CAXIAS AND BOA ESPERANÇA**

### **Abstract:**

In this paper we aim at analyzing how the environmental impacts in the city of José da Penha-RN, specifically the neighborhoods Alto Duque de Caxias and Boa Esperança may point to a violent reality of these urban environment, and therefore the degradation of the environmental quality of life of its residents and an implication in the relations of residents with their living spaces from their actions. This study is based on Waiselfiz (2002), Minayo (2006) as well as Lima (2012) from the concept of violence from the environmental point of view, in addition to research conducted by the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) and the Municipality of Jose da Penha. We conducted a field research and did photographic records, besides the application of thirty questionnaires in Alto Duque de Caxias

neighborhood and ten questionnaires in Boa Esperança neighborhood, thus covering a total of 20% of households in such localities. The results showed that among the causes with environmental character existing in the neighborhoods under study, the occurrence of pollution, burnings, garbage and open sewers are the ones which appear more evidently in the landscapes of neighborhoods, compromising the social relationship as well as the residents' quality of life. Thus, we concluded that, from the existence of these facts of aggression to the urban environment, the reality of the neighborhoods under study has determined a destabilization in the relationships established between society and nature and thus, several violent actions to these spaces.

**Keywords:** José da Penha. Life quality. Environmental violence.

## 1 Introdução

É sabido que a violência em todo seu trajeto histórico sempre esteve vinculada ao processo de desenvolvimento da sociedade, tornando-se por este motivo um elemento intrínseco a sua conjuntura. Mesmo marcada por diversos significados, a violência em todas as suas instâncias tem descrito no espaço novas composições e com elas, possibilitado uma reconfiguração da condição humana dos indivíduos bem como de seu convívio e bem estar.

Neste trabalho, apontamos a violência como um elemento que, nos tempos contemporâneos, tem se instaurado nas mais variadas porções do espaço e de forma mais proeminente na cidade, inscrevendo nela suas colossais formas e a partir destas ocasionando uma desestruturação em sua dinâmica e concomitantemente impulsionando o surgimento de reais desordens para com a convivência ambiental da sociedade, bem como para uma cidadania coletiva e social.

Associando-se a esta realidade, propõe-se com este estudo, compreender este fenômeno levando em consideração uma semelhança com a realidade dos impactos ambientais urbanos protuberantes na cidade de José da Penha, em especial, nos Bairros Alto Duque de Caxias e Boa Esperança, viabilizando um entendimento onde suas ações e consequências possam apontar para uma perspectiva violenta quanto a seus impactos à qualidade de vida e à integridade ambiental da sociedade.

O presente estudo tem como objetivo principal buscar analisar os impactos ambientais nos bairros mencionados, buscando saber se podem ser compreendidos como atos de violência, e a partir desta proposição, se estes determinantes têm surgido como alternativas para um comprometimento da relação dos moradores com seu espaço de convívio e consequentemente, para uma implicação da própria condição ambiental de tais localidades.

Este estudo fundamenta-se nas proposições de Waiselfiz (2002), Miraglia (2010), Minayo (2006), bem como em Lima (2012) a partir do seu conceito e discussão sobre violência no ponto de vista ambiental; em Santos (2006) que traz uma discussão a respeito da técnica e sua influência na transformação do espaço, além de Araújo (2009) e Coelho (2009), que propõem uma discussão referente às causas de ordem ambiental proeminentes nas cidades e sua influência para com a sociedade, trazendo também um elenque concernente às suas relações perante a Natureza.

### 1.1 Metodologia

Tal pesquisa tem como base análises tanto qualitativas como quantitativas a partir dos dados obtidos, a fim de compreender a relação entre os impactos ambientais existentes nos

bairros em estudo e violência. Sua execução partiu inicialmente da escolha do tema central, surgida com o propósito de entender como estes atos de impulsos ao meio ambiente urbano existente nestes bairros podem ser apontados como ações de violação ao meio ambiente, bem como podem influenciar nas relações de seus habitantes com seus espaços de convívio.

Para tanto, delimitou-se a área de estudo, que por sua vez, tiveram as discussões pautadas em consonância com as pesquisas bibliográficas dos diversos autores que versam sobre a temática, bem como de artigos científicos e revistas eletrônicas que contribuíram por meio de abordagens complementares, além de *sites* como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a obtenção de dados secundários referentes à população. Também foi feita uma pesquisa na Prefeitura Municipal de José da Penha – RN (PMJP) com a finalidade de impetrarmos informações a respeito da composição urbana e estrutural da área de estudo.

Para um melhor delineamento da pesquisa, foram realizados registros fotográficos, bem como uma pesquisa de campo, onde nesta, foi possível elencar os principais elementos que levaram a obtenção das respostas. Como unidade de amostra, tomou-se por base o número de famílias existentes em cada bairro, onde por meio de sua quantidade foi possível dimensionar um percentual para se chegar aos resultados do presente estudo.

Assim, foi computado pela junção dos dois bairros, um total de 204 famílias com as quais se tornou possível chegarem a um resultado de 40 questionários, sendo 30 para o Bairro Alto Duque de Caxias e 10 para o Bairro Boa Esperança, abrangendo cerca de 20% do total das mesmas nos bairros.

Nesta pesquisa, buscou-se conhecer junto aos moradores, o que para eles seria violência e poluição e quais os lugares de seu bairro onde estes fenômenos se acentuam, tentando ainda identificar a partir destes questionamentos, quais os principais tipos de impactos ambientais existentes no bairro e sua influência para com sua vida cotidiana assim como, compreender quais seriam as relações que eles estabelecem com estes lugares considerados ou não violentos e/ou poluídos.

## 1.2 Área de Estudo: Um breve reconhecimento

Pertencendo ao quadro dos 37 municípios que compõe a Região do Alto Oeste Potiguar, o município de José da Penha<sup>1</sup>, encontra-se inserido na Microrregião de Pau dos Ferros, com coordenadas geográficas de latitude Sul 6° 19' 01,2'' e longitude Oeste 38° 16' 51,6'', estando distante a precisamente 416 km da capital do Estado do Rio Grande do Norte, Natal (**Figura 01**).

---

<sup>1</sup>Este município teve sua origem precisamente no ano de 1934, pela Lei nº 2.351, emancipando-se em 31 de Dezembro de 1958, se desmembrando de Luís Gomes, tornando-se, assim, um município do Estado do Rio Grande do Norte (IBGE 2010).

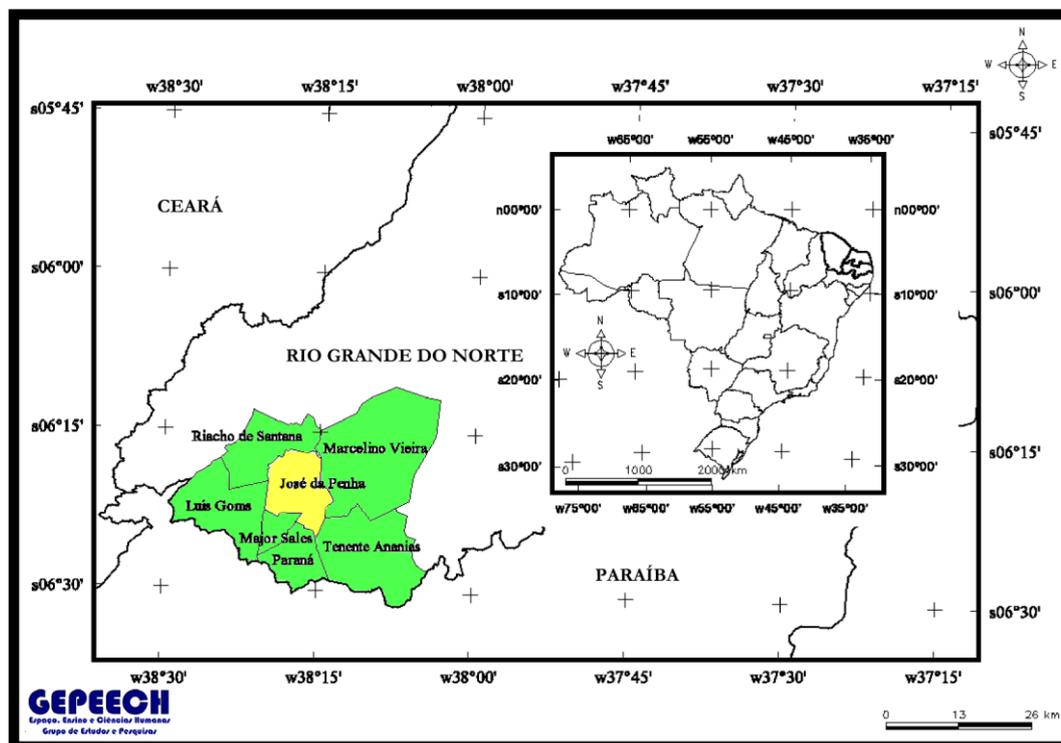


Figura 01: Localização e Limites Geográficos do Município de José da Penha – RN

Fonte: (IBGE, 2010)

Elaboração Cartográfica: Rosalvo Nobre Carneiro, 2013.

José da Penha, encontra-se limitado ao Norte com Riacho de Santana, ao Sul com Paraná e Major Sales, a Leste com Marcelino Vieira e Tenente Ananias e ao Oeste com Luís Gomes (IBGE, 2010).

Atualmente, apresenta uma população de aproximadamente 5.868 habitantes, sendo 3.685 ou 60,4% localizada na zona urbana e 2.326 ou 39,6% na zona rural e densidade demográfica de 49,80 hab/km<sup>2</sup>, possuindo uma área territorial de 117, 634 km<sup>2</sup>, equivalente a 22% do território estadual.

Deste modo, o presente trabalho encontra-se estruturado por seções, onde na primeira se fez uma abordagem contextualizada da violência em seus variados aspectos e em específico, no ponto de vista ambiental, buscando correlacioná-la com alguns conceitos pertinentes da questão ambiental como o de qualidade, cidadania, impacto, crime e dano ambiental, além do conceito de poluição e resíduos sólidos.

Na segunda parte, analisam-se os dados obtidos junto aos moradores, propondo a partir destes, comparar as realidades de cada bairro no que se refere às causas de ordem ambiental, com a finalidade de entender se realmente os fatos ambientais apontam para uma realidade violenta e, compondo a terceira e última seção de nosso estudo, tem-se as considerações finais por meio dos resultados alcançados a partir do desenvolvimento deste estudo.

## 2 Discutindo a Violência e seu ponto de vista ambiental

A questão da violência sempre esteve arraigada aos processos evolutivos que descreveram a formação da sociedade e suas capacidades de desenvolvimento ao longo do tempo, pois, “pensar a violência é pensar a história da humanidade” (PALMA, 2008, p.21). Historicamente, a trajetória humana, é marcada por diversos casos de conflitos, guerras, movimentos revolucionários, além de diversas outras formas de subversões que envolviam em

suas estruturas o domínio e a busca pelo poder como também a superioridade humana. É nesse sentido que Santos e Gomes (2008, p.104) afirmam que,

A história da formação da sociedade [...] é marcada ao longo do tempo pelo regime da escravidão no qual o indivíduo era desqualificado na característica fundamental de pessoa humana e tratado como ‘mercadoria’ de manipulação dos seus ‘donos’ estabelecendo a servidão de índios e negros, posteriormente instrumentalizou comportamentos de ‘mando’, por parte de uma pequena elite branca e de ‘submissão’ para o restante da população marginalizada em relação ao poder.

No cenário escrito por muitas destas realidades, torna-se perceptível que a violência sempre esteve presente de forma significativa no contexto sócio histórico da humanidade como um elemento que tem se configurado sob várias condições, gerando a concepção de que “[...] a violência é parte intrínseca da vida social e resultante das relações, da comunicação e dos conflitos de poder. Nunca existiu uma sociedade sem violência, mas sempre existiram sociedades mais violentas que outras, cada uma com sua história” (MINAYO, 2006, p. 15).

Com relação ao seu conceito, ao longo dos tempos, a violência o tem tornado algo questionável, pois em virtude das inúmeras ações decorrentes de diferentes culturas e momentos por quais perpassaram a humanidade, ela traz em seu interior uma multiplicidade significativa, trazendo a compreensão de que “[...] assistimos, nas últimas décadas, a um alargamento do entendimento da violência, uma reconceitualização, pelas suas peculiaridades atuais e pelos novos significados que o conceito assume” (WAISELFISZ, 2002, p.09).

Mesmo marcada por um contexto amplo de sentidos, a noção de violência pode ser compreendida quando

[...] em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989, p.10-11).

No contexto brasileiro, é sabido que a violência através de suas muitas manifestações tem encontrado lugar significativo nas mais diversas camadas do espaço, fato este que tem feito do Brasil um dos países que hoje tem encontrado “[...] um lugar incômodo no ranking dos países mais violentos do mundo” (MIRAGLIA, 2010, p.15).

Isso pode ser evidenciado com base no desvendamento dos muitos condicionantes que o impulsionaram a esta classificação, como o crescimento desordenado aliado à organização desestruturada de suas cidades, que automaticamente tem gerado uma segregação de sua malha urbana e conseqüentemente, a marginalização dos espaços e o alavancar da intensa criminalidade, além de uma real desordem em suas estruturas sociais.

Diante deste fato, o qual a violência tem colocado em jogo as populações dos espaços urbanos por meio de suas manifestações, vale mencionar que, na contemporaneidade, em um contexto contemporâneo, a violência não tem sido alvo somente das concepções políticas, econômicas e culturais, mas também tem ocupado de forma circunstante o campo social, manipulando as relações e construções humanas e provocando um rompimento na conjuntura deste bem (SANTOS E GOMES, 2008, p.106), intervindo e ao mesmo tempo influenciando suas dominâncias perante o homem, pois,

Se do ponto de vista da dialética da natureza a violência é um atributo humano – o sujeito (o homem) transforma a natureza (objeto) desarticulando-a e violentando-a, para subordiná-la aos seus interesses, necessidades e desejos – do ponto de vista da práxis social, a violência entre os homens (sujeitos) desumaniza o homem, na medida em que a ação violenta de uns se exerce sobre outros, objetivando-os, alienando-os e subordinando-os (NASCIMENTO, 1999, p.14).

O sentido dado a esta afirmação é de que a violência enquanto mecanismo inerente à vida humana não pode ser entendida somente na perspectiva de sua ação exercida, mas também a partir de suas implicações e consequência para a praxe humana e coletiva, pois na medida em que sua manifestação se materializa em ambos os contextos, inconscientemente ocasiona à sociedade a emergência dos inúmeros resultados provindos de suas condições, uma vez que, “a violência dramatiza causas e possibilita à sociedade a compreensão de seus próprios limites” (ARENDETT, 1994 *apud* MINAYO, 2006, p.08).

Desse modo, torna-se conveniente afirmar que, por se reproduzir nas mais variadas composições, a violência junto à existência humana tem propiciado uma transformação dos valores, princípios éticos, morais e principalmente cívicos, além de uma reestruturação da dinâmica social e do espaço, fazendo com que sua plenitude seja entendida como um fenômeno que corrompa com as ordens, normas e condutas da sociedade.

## 2.2 A Violência sob a perspectiva ambiental

Aviolência ao longo dos tempos tem encontrado significativo espaço junto à conjuntura social e humana, e por este motivo tem propiciado a ela uma quebra de sua pacificidade coletiva e ambiental, motivando não somente uma redefinição em suas estruturas, mas principalmente uma degradação dos espaços urbanos e automaticamente um rompimento na qualidade de vida e na perda de suas condições ambientais na própria cidade.

Sob a perspectiva ambientalista, a violência de forma inconsiderada tem gerado inúmeras consequências, não somente para os aspectos morais e cívicos de sua população, mas, acima de tudo, uma inconstância inadequada para um convívio e para uma cidadania ambiental, que segundo Lima (2010, p.233) faz referência ao “[...] direito que têm todos os cidadãos de usufruir de um meio ambiente limpo e saudável, partindo do pressuposto de que os bens e serviços da natureza são indispensáveis à vida humana e, portanto, definidos como patrimônio público, direito de todos [...]”, bem como danos prejudiciais ao bem-estar e uma degradação da qualidade ambiental da mesma.

Sobre esta realidade, Araújo (2009, pp. 347) afirma que

A degradação da qualidade ambiental urbana em decorrência de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente natural remanescente e cultural (construído) torna-se cada vez mais presente e visível no cotidiano das cidades brasileiras [...] causando alterações adversas nas características do meio ambiente urbano, com reais prejuízos à coletividade, caracterizando-se, assim, a ocorrência dos danos ambientais urbanos.

Com base neste entendimento, compreende-se que, ao se pensar na manifestação de uma violência sob o caráter ambiental, não se pode deixar à mercê a questão da técnica, que em virtude de seu advento tem beneficiado ao homem uma maior participação na transformação da natureza e com ela, a promoção de uma artificialidade em sua estrutura e involuntariamente, a propiciação dos casos violentos ao meio ambiente urbano, pois, “é por

demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica [...] com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço [...]” (SANTOS, 2006, p.16).

A menção feita à noção de espaço torna-se condicionante para referir-se a um meio ambiente urbano como o “[...] hábitat socialmente criado, configurado enquanto um meio físico, modificado pela ação humana [...]” (JACOBI, 2006, p.28). Sob este enfoque, o espaço referido integra-se a visão de que em virtude do poder técnico dado ao homem juntamente com a razão consciente e sistematizada de redefinir sua totalidade, tornou-se possível à colonização do fenômeno da violência e concomitantemente, uma reafirmação de suas estruturas e o despontar de diversas causas e desordens de caráter ambiental.

No contexto, em que o predomínio da técnica junto às ações violentas ao meio ambiente urbano emergem como condicionantes, não somente para uma agressão à qualidade de vida humana, mas também para um alagamento das frisantes causas de subversões à cidadania ambiental, vale citar a geração dos mais variantes impactos ambientais, que segundo Coelho (2009, p.25) trata-se de uma “[...] relação entre sociedade e natureza que se transforma diferencial e dinamicamente. Os impactos ambientais são escritos no tempo e incidem diferencialmente alterando as estruturas das classes sociais e reestruturando o espaço”.

Como forma de exemplificar estes determinantes, vale ressaltar a acentuada quantidade de resíduos sólidos atualmente alojados nas dependências dos espaços que nos últimos tempos tem acarretado uma série de causas danosas às realidades ambientais urbanas e que de acordo com Monteiro (2001, p.25) podem ser compreendidos como “[...] todo material sólido [...] indesejável e que necessita ser removido por ter sido considerado inútil por quem o descarta em qualquer recipiente destinado a este ato”.

Neste sentido, é válido ainda considerar as inúmeras práticas de poluição que de acordo com a Lei nº 6.938 transcrita pela Legislação Ambiental Básica e a Política Nacional do Meio Ambiente em seu art. 3 pode ser definida como

[...] a degradação da qualidade ambiental resultante de atividades que direta ou indiretamente: a) prejudiquem a saúde, a segurança e o bem-estar da população; b) criem condições adversas às atividades sociais e econômicas; [...] d) afetem as condições estéticas ou sanitárias do meio ambiente; e) lancem matérias ou energia em desacordo com os padrões ambientais estabelecidos (BRASIL, 2008, p.17).

Em referência a este fator, suas ocorrências muitas vezes resultam das ações antrópicas, mas em vezes pelas próprias condições naturais que de certo modo influenciam na vida das populações em seu meio ambiente, causando nela efeitos nocivos a sua integridade e bem-estar, além da degradação e destruições de áreas públicas e privadas, bem como diversas outras modalidades consideradas fatos de classificação ambiental.

Considerando a perspectiva da violência, os impactos ambientais, neste contexto, surgem como uma materialidade das condições estabelecidas entre o homem e a própria natureza, que exercem no espaço novas configurações ao meio ambiente urbano, prescrevendo para o mesmo um novo sentido e conseqüentemente novas formas, traduzindo para a conduta humana interferências a sua espécie, afinal “[...] a relação do homem com a natureza é sempre dialética: o homem enforma a natureza ao mesmo tempo em que esta o enforma [...]” (BERNARDES e FERREIRA, 2010, p. 19).

Considerando o aspecto, onde a relação homem e natureza se voltam para um contexto marcado por ações danosas e diversas outras violências descendentes desta ordem compreende-se que de forma contemporânea, os atos violentos não tem somente perpetuado

as frações do espaço urbano, mas também as porções ambientais do mesmo, afinal “[...] estamos diante de uma relação homem/natureza de absoluta externalidade a tudo o que não é matemático, mecânico, sendo a natureza vista como um meio para atingir um fim, consagrando a capacidade humana de dominar a natureza [...]” (BERNARDES e FERREIRA, 2010, p.24).

Assim, a menção oferecida à relação homem e natureza implica-se justamente na necessidade de enxergar o espaço como um lugar onde os enlaces citados se firmam e corporificam-se e que por intermédio destes fazem do mesmo um ambiente de apropriação, o que segundo Gonçalves (2007, p.29) pode ser entendido como “[...] um agente transformador, pois ao apropriar-se do espaço o sujeito deixa sua marca ao transformá-lo, iniciando, assim um processo de reapropriação constante [...]”.

Ao referir-se a uma reapropriação do espaço por intermédio da interação entre homem e natureza utilizando-se como motivo condizente às suas interferências dentro do espaço ou meio ambiente urbano, cabe aqui trazer uma ressalva à questão do dano ambiental e junto a ela, da própria criminalidade que neste universo se configuram como crimes ao meio ambiente que de forma massiva têm afetado o meio ambiente dos entornos urbanos, ferindo e contrariando muitas vezes os princípios ambientais estabelecidos, tornando-se assim, uma espécie de afronta e repúdio às regras normativas da sociedade.

Seguindo este pensamento, Mirra (2002) *apud* Silva (2007, p.108) afirma que, em relação ao dano ambiental, se pode entendê-lo como

[...] toda degradação do meio ambiente, incluindo os aspectos naturais, culturais e artificiais que permitem e condicionam a vida, visto como bem unitário, imaterial e incorpóreo específico que o compõem, caracterizadora da violação do direito difuso e fundamental de todos à sadia qualidade de vida em um ambiente são e ecologicamente equilibrado.

Já, a respeito dos crimes de caráter ambiental, a Lei de nº 9.605/98 apresentada pela Legislação Ambiental Básica, através da Política Nacional do Meio Ambiente que versa sobre os crimes e infrações administrativas ambientais, em seu art. 54º, compreende os mesmos como todas as condutas e atividades que possam “causar poluição de qualquer natureza em níveis tais que resultem ou possam resultar em danos à saúde humana [...]” (BRASIL, 2008, p. 244).

Em outras palavras, os crimes ao meio ambiente, podem ser compreendidos como todas as práticas ilegais de agressão à natureza em todas as suas especificidades, que vão de encontro a uma transformação das formas e objetos do meio ambiente espacial e que resultem em consequências danosas para a saúde e conduta da coletividade humana.

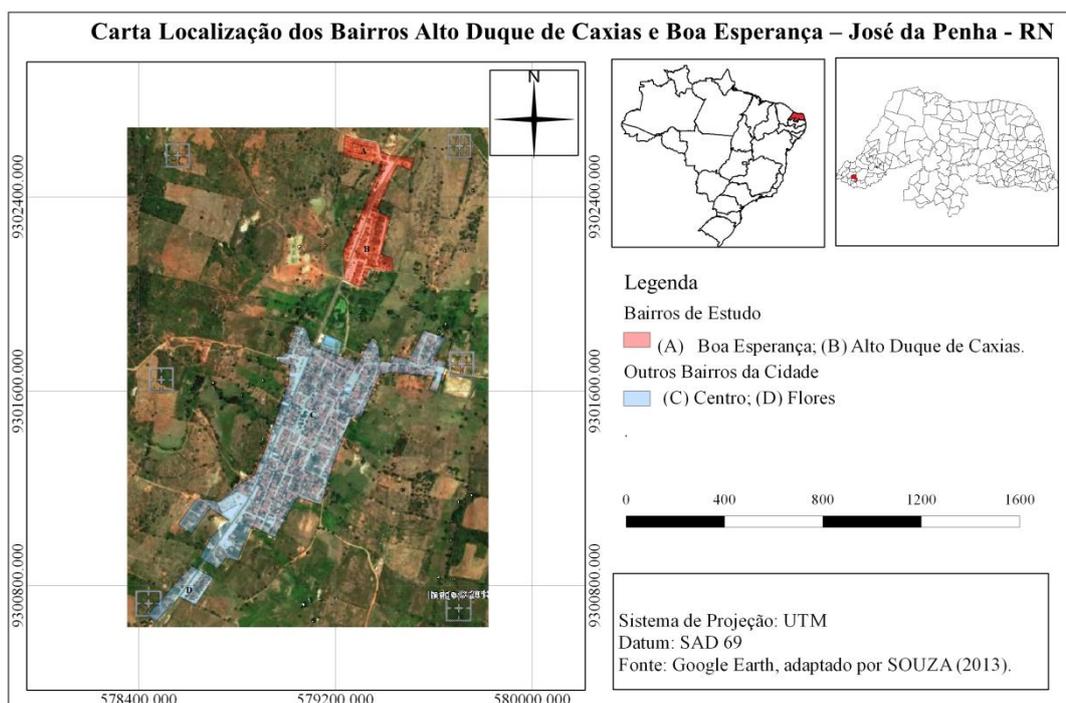
De modo geral, a violência tem propiciado à coletividade urbana uma desapropriação de sua qualidade e cidadania ambiental, pois insurgindo dentro de um contexto onde as ações são moldadas por atos de violação a integridade física, cultural e social do meio ambiente urbano, compreende que pelo viés ambiental, a ciência da violência pode ser compreendida como

[...] todas as ações ou intervenções decorrentes da relação entre a sociedade e o meio ambiente, consciente ou inconscientemente motivados, que incorram em danos materiais, culturais ou simbólicos à vida em sentido amplo – natural e social – e/ou aos seres que compõem a biosfera (LIMA 2010, p.234).

Assim, partindo de uma dimensão diferenciada, a violência vista sob a perspectiva ambiental compreendem-se suas condições dentro do espaço por intermédio de seus mecanismos e de sua relação com a sociedade surgindo como um condicionante promovedor de uma significativa transformação do construto cotidiano social e conseqüentemente, de uma qualidade de vida e cidadania ambiental da sociedade.

### 3 Violência Ambiental Urbana em José da Penha/RN: Uma análise geográfica dos Bairros Alto Duque de Caxias e Boa Esperança

Como as demais cidades brasileiras, o município de José da Penha não tem se isentado quanto a sua vitimização dos diversos problemas que tem afetado sua conjuntura social e urbana. Este contexto marca-se eventualmente a partir da proeminência dos diversos impactos ambientais que atualmente tem contornado a realidade deste espaço urbano em específico dos bairros Alto Duque de Caxias<sup>2</sup> e Boa Esperança<sup>3</sup>, e que por sua vez, têm propiciado a estes uma transformação em suas dinâmicas e o surgimento de inúmeros agravos humanos e sociais comprometendo a integridade das relações estabelecidas entre homem e a natureza (Figura 02).



<sup>2</sup> Reconhecido como Bairro sob a Lei Municipal de nº 250/2011. Possui atualmente um total de aproximadamente 151 residências criadas pelo Projeto de Habitação do Governo do Estado em Parceria com a Fundação Nacional da Saúde – FUNASA, possuindo em sua estrutura o total de sete ruas cadastradas e reconhecidas sob as Leis Municipais nº 246/10 e 251/2010.

<sup>3</sup> Reconhecido como Bairro sob a Lei Municipal de nº 205/2011, de recente formação, possuindo atualmente um total de aproximadamente 53 residências criadas junto aos Programas do Governo Estadual como: Casa da Gente e Programa de Subsídio à Habitação de Interesse Social, constituindo-se por um total de quatro ruas, reconhecidas pelas Leis de nº 244/2010 e 245/2010. (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOSÉ DA PENHA - PMJP, 2011).

### 3.1 Alto Duque de Caxias: Menções a uma violência ambiental

Neste espaço a violência apresenta uma diversidade de significados e incertas concepções. Porém, referente aos seus determinantes, estes podem ser compreendidos mediante as formas de contendas, agressão à integridade física, moral e psicológica, bem como de atos de vandalismo, roubos e de desumanidade.

Com base nesta realidade, se pode compreender que, se de um lado suas concepções ainda que de forma improvável permeiem parcelas da sociedade, por outro, suas manifestações se tornam afluentes no cotidiano da população, como as causas de afeto às comunicações diárias proporcionadas por mecanismos técnico-instrumentais, que tem posto em jogo um desequilíbrio do bem-estar humano, além dos impactos à natureza urbana que embora insurjam como elementos em parte isentos ao convívio humano neste contexto, emergem por outro viés como uma alternativa para um comprometimento da qualidade de vida ambiental dos moradores, sendo estes definidos pelas diversas causas de poluição.

Isso se explica a partir de seus principais focos observados respectivamente nas áreas próximas ao bairro vizinho (*Boa Esperança*) constituindo-se pelas constantes queimadas e grandes depósitos abertos de resíduos sólidos e esgotos, bem como de áreas próximas ao antigo chafariz e a ponte, situada no início do bairro que divide o mesmo do centro da cidade e que por sua vez suporta em sua estrutura uma lagoa ou como denominada pelos entrevistados, uma “*fossa*” que comporta uma abundância de dejetos hospitalares e urbanos, sendo este local atualmente ocupado por usuários de drogas (**Figuras 03 e 04**).



**Figuras 03 e 04:** Lixo lançados a Céu Aberto próximo a “Fossa” (Lagoa) no Alto Duque de Caxias e identificação da mesma na cidade de José da Penha/RN.

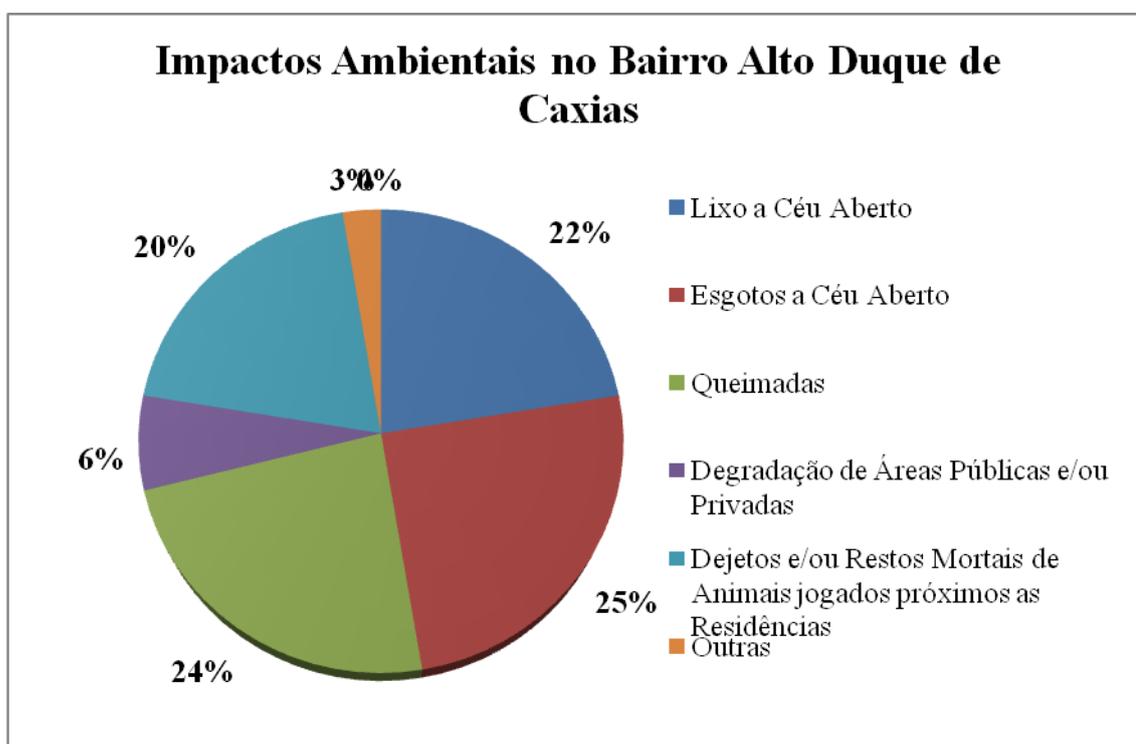
Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Outros locais onde estes fatores incidem de forma constante são as ruas que compõem o bairro em estudo e acolhem residências que possuem em seus arredores a presença deste caso, valendo mencionar que, mesmo conhecendo-se esta realidade, é plausível compreender em partes que as causas de poluição ainda possuem uma desatenção por parte de alguns moradores ao afirmarem não ser este fenômeno presente na dinâmica do referido ambiente.

Seguindo este viés, foi possível conhecer quais seriam os impactos ambientais mais proeminentes no bairro e que, por sua vez, tem afetado o cotidiano da população, sendo plausível constatar que os esgotos a céu aberto em consonância com os moradores foram elencados como focos de poluição e como quesitos de maior preocupação, correspondendo por sua vez 25% dos impactos existentes no bairro seguindo-se das práticas de queimadas com 24% dos casos e da enorme quantidade de lixo jogado a céu aberto que representam um total de 22%, aliado à presença de dejetos e/ou restos mortais de animais jogados próximos às

residências que apresentam nesta composição um total de 20% dos eventos considerados impactantes ao meio ambiente urbano de tal localidade.

Constatamos ainda que, além destes impactos, outros que aparecem mesmo que de forma diminuta na dinâmica do bairro, referem-se às degradações de áreas públicas e/ou privadas com um total mínimo de 6%, além da poluição sonora como já mencionada, correspondendo a 3% de seu total, neste ambiente urbano (**Figura 05**).



**Figura 05:** Impactos Ambientais no Bairro Alto Duque de Caxias, José da Penha – RN.

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2013.

Com relação às implicações causadas aos moradores em detrimento destes condicionantes ambientais, o que se destacou foi o mau cheiro provindo dos esgotos e lixos depositados a céu aberto e da fumaça ocasionada pela queima imediata destes resíduos localizados em locais de acessibilidade a população como as ruas, e também situados próximos às residências da mesma, além do incômodo à sua tranquilidade, acarretada pelas causas da poluição sonora oriunda dos carros de som e bares situados aos arredores do bairro.

Assim, tornou-se ainda presumível observar que a maior parte destes lugares acometidos pela poluição e pelos outros diversos impactos citados são espaços que fazem parte do cotidiano dos moradores, principalmente quando necessitam se dirigir ao centro da cidade, a fim de usufruírem de seus serviços, visto serem estes considerados logradouros mais curtos para se chegar a este destino, valendo também mencionar que por serem considerados poluídos, há ainda quem afirmem não transitarem por estes espaços para não entrarem em contato com estes impactos.

### 3.2 Bairro Boa Esperança: Decorrências de uma realidade ambiental e violenta

Neste bairro, observa-se que a questão da violência surge como um fenômeno imbuído de diversas manifestações, porém em partes, como um elemento ainda incontestado de significação. Quando partindo de suas manifestações, o mecanismo da violência de acordo

com a maioria dos moradores, parte das causas de agressão de cunho físico e moral e das constantes violações que tem ferido a comunicação verbal entre os vizinhos por meio das contendas de caráter verbal e também a tranquilidade deles por intermédio dos bares que impulsionam a poluição sonora.

Dos lugares considerados poluídos segundo os moradores, merecem destaque maior a área que comporta o enorme lixão e as ruas que contêm a presença de esgotos a céu aberto, bem como os atos de queimadas e os fragmentos de resíduos sólidos, situados próximos às residências e em algumas ruas do bairro, sendo estes apontados ainda segundo os entrevistados como os seus principais focos (**Figuras 06 e 07**).



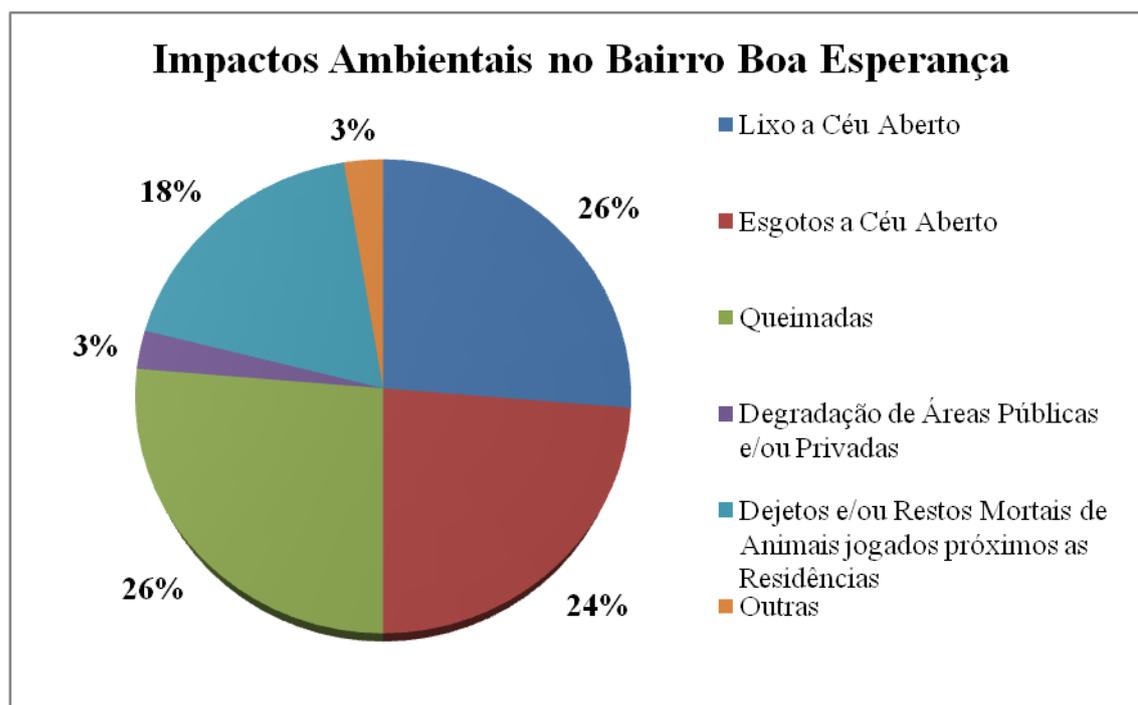
**Figuras 06 e 07:** Lixo sendo lançado a Céu aberto e queimadas sendo realizadas após o despejo e esgotos a céu aberto situados próximo às residências no Bairro Boa Esperança em José da Penha/RN.

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2013.

Com base nos apontamentos feitos pelos moradores, foi plausível identificar quais seriam os impactos existentes que mais se sobressaem no meio ambiente urbano deste local e que por ventura afetasse a população, sendo possível verificar que o lixo a céu aberto associado às práticas das queimadas lidera o ranking dos impactos mais preocupantes no bairro, assumindo um total de 26% dos impactos apresentados como citados pelos moradores.

Da presente forma, os esgotos a céu aberto também aparecem com uma proporção de 24% dos impactos também considerados preocupantes, seguidos do lançamento de dejetos e/ou restos mortais de animais jogados próximos às residências que insurgem neste contexto com um total de 18%, sendo também apontando pelos moradores como um dos casos que tem afetado seu cotidiano.

Ainda é possível identificar outros casos de ordem ambiental que ainda comprometem mesmo que de forma inaudível o cotidiano da população, como as práticas de degradação de áreas públicas e/ou privadas e a incidência dos casos de poluição sonora como já mencionado, que correspondem a 3% dos impactos existentes no referido bairro (**Figura 08**).



**Figura 08:** Impactos Ambientais no Bairro Boa Esperança, José da Penha – RN.

**Fonte:** Pesquisa de campo 2013.

Sobre as interferências causadas aos moradores a partir da evidência destes impactos, vale destacar o mau cheiro provindo dos principais focos de poluição que conforme eles os têm ocasionado algumas intervenções na qualidade de vida ambiental como constante irritação nos olhos, falta de ar, dor de cabeça e principalmente, incômodos na hora das refeições em que a fumaça entra em contato com a comida deixando os moradores impacientes perante esta situação.

Também, foi possível constatar que muitos destes lugares afetados pelos impactos ambientais elencados fazem parte do cotidiano da população, visto serem necessários para a realização de suas atividades diárias, como o caso do lixão, onde uma parte dos moradores proferem frequentá-lo com a finalidade de coletarem os resíduos que possam ser reutilizados para comercialização, valendo ainda mencionar que por outro lado alguns mencionam transitarem por estes apenas em determinadas ocasiões, enquanto outros colocam não perpassarem por estes locais para que não possam manter contatos diretos com os casos ambientais existentes.

### 3.3 Uma comparação entre os Bairros Alto Duque de Caxias e Boa Esperança: Notas de uma violência ambiental.

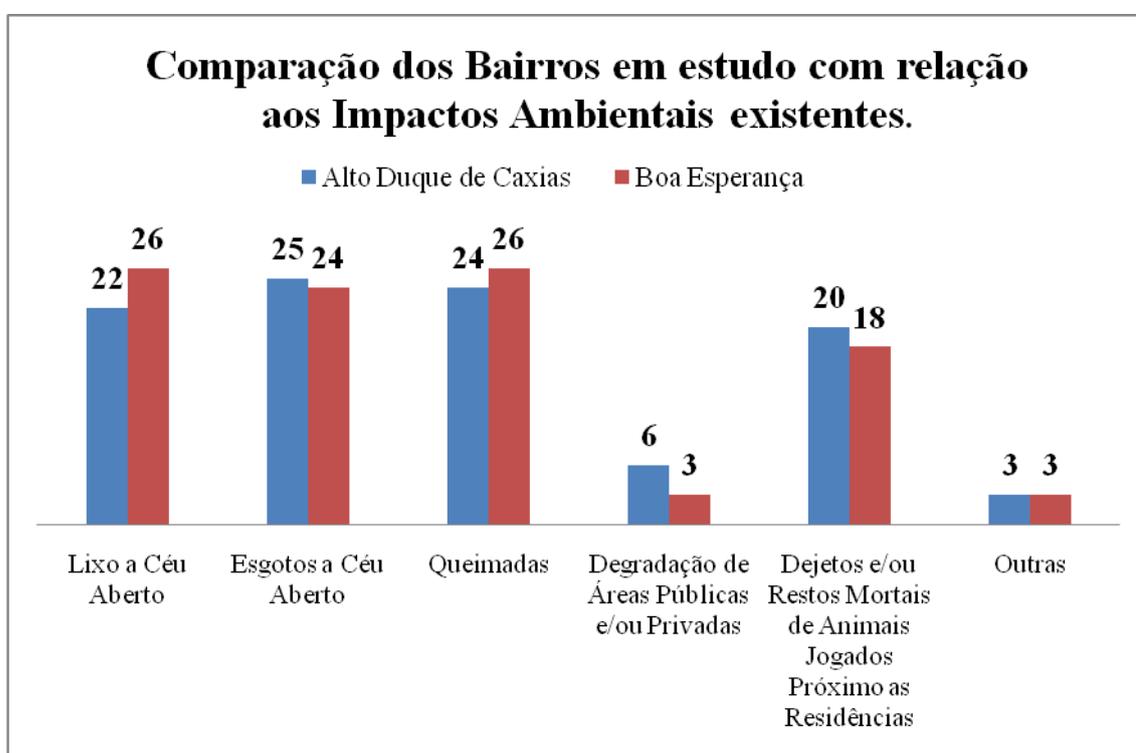
Considerando os bairros em estudo, constata-se que suas dinâmicas em pouco se diferenciam quanto as suas realidades socioambientais. Diante deste fato e em conformidade com os resultados obtidos, frisa-se que, assim como no Alto Duque de Caxias, as compreensões a respeito do fenômeno da violência no Bairro Boa Esperança partem de suas várias manifestações como algo inerente à vida social, porém ainda como um elemento inconstante a respeito de suas definições.

No Alto Duque de Caxias as ocorrências e os focos de poluição ou simplesmente lugares considerados violentos e/ou poluídos, apresentam por uma parte demasiada similaridade aos do Bairro Boa Esperança, porém, constituem por outra, algumas diferenças

no tocante as suas proporções, o que se torna compreensível ao considerarmos os principais impactos ao meio ambiente urbano de ambos os bairros.

Assim, aponta-se que no Alto Duque de Caxias as causas de lixo a céu aberto junto às práticas das queimadas apresentam uma proporção diminuta quando em relação ao Bairro Boa Esperança, que neste contexto surge como um ambiente onde estas se destacam com maior dimensão, explicando-se pelo motivo de neste espaço estar contida uma área onde os resíduos coletados da cidade são despejados e após este processo, são perpassados de forma imediata pela ação da queima, denotando por isso uma igualdade em suas causas.

A respeito dos esgotos a céu aberto, vale mencionar que embora estejam presentes na dinâmica de ambos os bairros, os mesmos encontram maior abrangência no Alto Duque de Caxias por conter neste ambiente a lagoa de tratamento onde são depositados todos os dejetos da cidade, inclusive os hospitalares, porém não se diferenciando da realidade do Bairro Boa Esperança, que mesmo emergindo de forma aproximativa quanto aos focos do bairro anterior, não deixam de ser considerados preocupantes (**Figura 09**).



**Figura 09:** Comparação entre os Impactos Ambientais existentes nos Bairros em estudo  
Fonte: Pesquisa de campo 2013.

Assemelhando-se às causas descritas, é importante mencionar que o Alto Duque de Caxias ainda possui uma relevância no tocante as degradações de áreas e aos dejetos e/ou restos mortais de animais, lançados nas proximidades das residências quando em relação ao Bairro Boa Esperança que neste viés apresenta uma realidade não tão proeminente.

O fato do Bairro Alto Duque de Caxias se destacar no tocante a estas causas faz referencia ao antigo chafariz que antigamente pertencia à Prefeitura Municipal da cidade e, que, atualmente, encontra-se deteriorado e inutilizado para serviços, bem como por nas proximidades deste espaço estar localizado o Matadouro Público, onde é praticada a morte de animais pelos donos e comerciantes de gado da cidade para se fazer a extração da carne bovina e conseqüentemente o lançamento de dejeções.

Já, a respeito do Bairro Boa Esperança, estas causas se delineiam a partir da deterioração de áreas antes florestadas para o despejo do lixo da cidade, que por sua vez ao serem despejados neste espaço degradado, conseqüentemente passam pelo processo de carregamento indo estancar próximos às residências e em muitos casos, dentro da própria rede de esgoto, dando origem ao aparecimento de animais mortos como ratos, aranhas e até mesmo cobras.

Desta feita, torna-se perceptível, que a respeito dos demais impactos ambientais, ambos os bairros apresentam semelhante proporção respectivamente no que concernem as causas de poluição sonora, como apontadas a partir da presença de bares situados aos arredores dos mesmos, que por sua vez tem comprometido o sossego e integridade pacífica dos moradores.

Nesta perspectiva, vale ressaltar que, como as demais causas, as interferências trazidas aos moradores por meio dos impactos ambientais existentes alcançam certa paridade nos dois bairros, sendo este fato presumível ao notar que em relação ao Alto Duque de Caxias as demasiadas causas partem de forma análoga as do Bairro Boa Esperança no que tange a sua caracterização, porém, distinguindo-se apenas dos focos de onde elasprovêm.

O presente caso, explica-se pelo mau cheiro que se instala em meio à conjuntura urbana desses, que por sua vez decorrem da lagoa de tratamento ou “fossa”, como no Alto Duque de Caxias e dos esgotos situados em frente às residências, como no Bairro Boa Esperança, bem como dos resíduos sólidos alojados a céu aberto e da fumaça oriunda da decomposição destes em ambos os bairros, sendo estes condicionantes incabíveis ao convívio diário dos moradores por lhe acarretarem diversas doenças e até mesmo incômodo a sua integridade ambiental.

A partir deste elenque, ressalta-se que dos ambientes ligados ao cotidiano da população, a observância articulada nos bairros em estudo se voltam para a justificativa de que apesar das causas ambientais existentes, que em partes tem impulsionado aos moradores a não estabelecerem contatos com estes, não deixam por outra vertente de serem necessários para o convívio social e humano dos moradores, visto representarem aos mesmos uma funcionalidade para o exercício de suas atividades coletivas e habituais.

#### **4 Considerações finais**

De acordo com a realidade apresentada, pode-se considerar que de forma geral, a dinâmica dos Bairros Alto Duque de Caxias e Boa Esperança tem posto em questão não somente uma integridade e convivência ambiental, mas também uma qualidade de vida, onde as suas ações tem sido comprometidas quanto aos atos de violação ao meio ambiente e coletividade humana.

Assim, tornou-se possível compreender que a proeminência destas causas no entorno dos bairros em estudo, não tem unicamente infringido as normas e condutas que garantem uma condição ambiental da população, mas ainda, tem agenciado um rompimento de uma pacificação ambiental e se tornado por este motivo parte inerente à vida humana através de sua influência ao cotidiano desta.

Neste sentido, conclui-se que, assim como os frisantes atos de violência que por sua vez tem posto em alternativa o consenso de uma vida social nas muitas cidades, as causas de ordem ambiental têm se manifestado a favor de um comprometimento desta qualidade de vida e conseqüentemente, para uma desestabilização nas relações constituídas entre a sociedade de José da Penha e sua natureza.

Constatou-se que, diante dos casos assinalados, a sociedade de José da Penha, mais precisamente dos bairros em estudo, tem estado vinculada a uma condição que renuncia suas

circunstâncias de viver em um ambiente de qualidade e pacífico no que se refere aos direitos de usufruir de um prezado convívio e onde as ações tem representado uma reciprocidade para sua integridade.

Contudo, vale mencionar que, diante do exposto, as respostas do poder público através de suas autoridades legais sobre as causas de violações ao meio ambiente urbano das descritas localidades, já tem sido perscrutadas, porém ainda não realizadas, o que por sua vez tem possibilitados aos moradores a permanecerem mesmo que “forçadamente” com tal realidade e ainda resistindo a estabelecer um convívio ambiental com seus espaços.

Portanto, é válido mencionar que, em meio à tão crível circunstância, torna-se imprescindível a sociedade destes espaços atentar com celeridade aos organismos responsáveis a fim de buscar uma justificativa para que se possam solucionar as causas de violações ao meio ambiente urbano dos bairros e, sobretudo, garantir uma conformação de sua qualidade de vida e um melhor convívio com seu ambiente.

## 5 Referências

ARAÚJO, Lilian Alves de. Danos Ambientais na Cidade do Rio de Janeiro. In: GUERRA, Antônio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da (Orgs). **Impactos ambientais urbanos no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p.347-403.

BERNARDES, Júlia Adão; FERREIRA, Francisco Pontes de Miranda. Sociedade e Natureza. In: CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antônio José Teixeira (Orgs.). **A questão ambiental: Diferentes Abordagens**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p.17-42.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Legislação ambiental básica**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, UNESCO, 2008. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001611/161188por.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2013.

COELHO, Maria Célia Nunes. In: CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antônio José Teixeira. (Orgs). **Impactos ambientais urbanos no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p.19-45.

GONÇALVES, Teresinha Maria. **Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano**. Ijuí: Unijuí, 2007.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Censo Demográfico de 2010: @Cidades**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 27 jun. 2013.

JACOBI, Pedro. **Cidade e meio ambiente: Percepções e práticas em São Paulo**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2006.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Violência e meio ambiente: pode a educação ambiental contribuir para a paz e a sustentabilidade? **Espaço do Currículo**, v.2, n.2, p.231-247, março de 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/4282/3239>. Acesso em: 05 jul. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

MIRAGLIA, Paula. **Cosmologias da violência - entre a regra e a exceção**: uma etnografia da desigualdade em São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP, 2010. 315p.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MONTEIRO, José Henrique Penido. *et al.* **Manual de gerenciamento integrado de resíduos sólidos**. Rio de Janeiro: IBAM, 2001.

NASCIMENTO, Severina Ilza do. **As marcas da violência**: as representações da violência em crianças e adolescentes em situação de rua. João Pessoa: Ideia, 1999.

PALMA, Moacir Dalla. **A violência nos contos e crônicas da segunda metade do século XX**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008. 277p. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000147322>>. Acesso em 02 jun. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOSÉ DA PENHA – RN (PMJP-RN). **Secretaria de obras e urbanismo**, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Marcos César Guimarães dos; GOMES, Carlos Alberto da Costa. O Sonho e a Realidade: sociedade e violência. In: ESPINHEIRA Gey (Org). **Sociedade do medo**: teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência. Salvador: EDUFBA, 2008. p.101-114.

SILVA, Danny Monteiro da. **Dano ambiental e sua reparação**. Curitiba: Juruá, 2007.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência III**: Os Jovens do Brasil – Juventude, Violência e Cidadania. Brasília – DF: Unesco, 2002.